

COLONIAÇÃO E EVOLUÇÃO DO DESMATAMENTO DA ARAUCARIA EM SANTA CATARINA – BRASIL

CARUSO, Mariléa Martins Leal

Universidade Federal De Santa Catarina – Florianópolis Brasil

A presente pesquisa tem por objetivo estudar a evolução do desmatamento da Araucaria angustifolia no Estado de Santa Catarina e sua relação como o povoamento e colonização e a economia regional.

Parte-se da hipótese de que o processo irracional de desmatamento sem a reposição das áreas a través de reflorestamento e a substituição das áreas da Floresta de Araucária por cultivos agrícolas como o avanço da colonização, provocou profundas alterações na paisagem geográfica, assim como na evolução da economia da região.

Sendo uma espécie de grande valor econômico soma-se a isso sua característica de ocorrer de forma altamente concentrada, o que facilita sua exploração e que originalmente cobriu grandes extensões do planalto catarinense (exceção às áreas de Campos e da Floresta Subtropical do Vale do Rio Uruguai) a Araucária teve um papel especial na economia do Estado. Representou desde o início da ocupação é simultânea e até mesmo se antecipa, em alguns lugares, a própria colonização da região. A exemplo do que ocorre hoje na Amazônia, a exploração da Araucária em Santa Catarina teve início, em larga escala, com a participação do capital estrangeiro. E essa produção se destinava a exortação, gerando problemas sociais e conflitos com relação a posse da terra que, no caso catarinense, culminou com A Guerra do Contestado. Esta guerra, que envolveu milhares de camponeses, deu-se entre 1912 e 1916 e teve como principal causa a expropriação da terras devolutas ou de posseiros para a exploração de madeira pela Southern Brasil Lumber and Colonization Company, subsidiária da Brasil Railway.

A ocupação de importantes áreas de Estado, principalmente no meio e extremo-oeste, deu-se no início do século atual quando, simultaneamente, toma grande impulso a exploração, comércio e exortação da madeira. Em 1930 11% das exportações catarinenses eram constituídas por madeiras. Em 1942 esse porcentual sobe para 38%, destacando-se a araucária com 70 a 80% do total das espécies exportadas. (EDUARDO, 1974).

Em termos nacionais, nas primeiras décadas deste século Santa Catarina foi um dos principais exportadores de madeira serrada do país. Se por um lado, em uma determinada época, a madeira foi um dos principais produtos de exportação, por outro impulsionou dezenas de economias municipais, estimulando o comércio, os transportes e as indústrias afins.

A razão e o interesse desta pesquisa reside no estudo e avaliação do processo de desmatamento da Araucária em Santa Catarina, suas reservas

atuais, seu valor econômico e o ritmo e afirma com que este espécie vegetal está sendo explorada nos dias de hoje.

Para alcançar estes objetivos partiu-se da pesquisa bibliográfica sobre o tema, bem como do levantamento de toda a cartografia temática da região de agragência da Araucária. Sendo esta insuficiente para caracterizar a evolução pretendida, procedeu-se a interpretação de fotografias aéreas na escala de 1:25000 do ano de 1957 (coleção mais antiga de que dispõe o Estado de Santa Catarina). Baseando-se na interpretação destas fotografias obteve-se o mapa da Cobertura Vegetal do referindo ano escala de 1:500 000 (Aérea de abrangência da Floresta de Araucária é de aproximadamente 55 000 Km²). A análise e interpretação deste mapa comparado com o mapa Fitogeográfico de Santa Catarina de Roberto Miguel Klein (KLEIN, 1978), que reproduz a vegetação nativa, permite a primeira avaliação da área desmatada desde o período de ocupação e colonização da região até 1957. Neste ano a indústria madeira está em franco desenvolvimento, conforme dados estatísticos.

A través da interpretação do Mapa da cobertura Vegetal de 1957 constata-se um intenso processo de desmatamento. Destaca-se o vale do Rio de Peixe já quase totalmente devastado, o planalto de Canoinhas e o planalto Oriental em menor escala.

O vale do Rio do Peixe teve na construção de Ferrovia São Paulo - Rio Grande o início de um processo sistemático de desmatamento. A ferrovia, paralela ao rio, foi construída pela companhia norte-americana Brasil Railwal e seu pagamento foi realizando a través da concessão de uma faixa de terras de 9 km de cada lado dos Trilhos. Dada a riqueza florestal que havia na região a citada construtora criou uma subsidiária a Southerm Brasil lumber and Colonization Company, cujo interesse principal era a exploração da madeira das matas virgens e posterior venda das terras aos colonos vindos do Rio Grande do sul.

Em 1912 a Lumber, considerada a maior madeira de América Latina, possuía duas grandes serrarias: uma em Calmom (nas margens da ferrovia SPRG) e outra em Três Barras (planalto de Canoinhas). Esta última com uma produção diária de 300 metros cúbicos de madeira serrada e uma produtividade de 1050 dúzias de tábuas em 10 horas de trabalho, empregando apenas 800 operários. “Desde a coleta das toras, o interior da floresta, até o seu desdobramento e armazenagem, todas as operações eram mecanizadas”. (QUEIROS, 1977:74).

Como esta produção destinava-se a exportação atendendo aos interesses da LUMBER, foi construída uma ferrovia que em 1913 ligava Três Barras ao porto de São Francisco do Sul no litoral e em 1918 este tronco articulava-se com Porto União fazendo a conexão com a grande ferrovia SPRG, o que facilitou sobremaneira o escoamento da produção.

Além das terras recebidas como pagamento pela construção da Ferrovia SPRG, LUMBER adquiriu extensas áreas (180 mil ha) de terras no Planalto de Canoinhas e “estabelecimento ainda uma série de contratos com diversos

fazendeiros (araucária) e as madeiras de lei (imbuia, canelas, cedro, peroba etc.) que havia em suas terras. (QUEIROZ, 1977:73)".

Assim após a exploração da madeira e empresa que também era de colonização, passava a vender as terras a colonos que ocupam a área e que vão derrubar o que restava da floresta para estabelecer a agricultura.

Além destas áreas, acompanhando os vales dos afluentes do Rio Uruguai, no extremo-oeste, a colonização vai desbrando a Floresta Subtropical até atingir a Floresta de Araucária, que vão sendo substituídas pela agricultura. A madeira produzida pelas serrarias da região segue para a Argentina (principal importador) em balsas pelo próprio Rio Uruguai.

Para uma avaliação mais precisa pretende-se medir as áreas desmatadas, obtendo-se percentuais que serão comparados com os dados referentes a Floresta Nativa e dados referentes aos anos subsequentes.

Atualmente estou interpretando fotografias aéreas de 1966, na escala 1:60 000, para obtenção de outro Mapa da Cobertura Vegetal da Região. A interpretação deste mapa permitirá nova avaliação do desmatamento.

A seguinte etapa será a interpretação de fotografias de 1978 na escala de 1:25000, com a mesma finalidade.

Uma vez concluídas estas etapas pretende-se utilizar imagens de satélites que permitirão a elaboração de um quarto mapa que deverá mostrar a situação atual.

De posse desta seqüência de mapas, que possibilitarão avaliar a área desmatada, ou seja o ritmo do processo, pretende-se relacionar os dados estatísticos de produção e exportação da madeira da região, de modo a revelar a sua evolução histórica: número de serrarias, volume da produção madeireira, indústrias afins exportação e mercados –interno e externo- e ocupação populacional do território. Com estas informações objetiva-se verificar o comportamento da economia madeireira na região e o papel que teve a Araucária neste processo.

Trata-se por tanto de uma pesquisa que se encontra numa de suas primeiras etapas e cuja conclusão está prevista para 1990.

A Araucária hoje no Brasil é uma espécie em extinção. Das extensas áreas cobertas por esta floresta nos estados do Sul restam apenas núcleos remanescentes. Seu papel, entretanto, na economia dos estados de Santa Catarina e Paraná, sempre foi destacado, constituindo-se, em algumas regiões, na atividade predominante.

BIBLIOGRAFIA

BARDOS, W. A Exploração Florestal na Amazônia. Rio de Janeiro, IBGE, 1977.

BRASIL. Ministério da Agricultura. UBDF. Inventário Florestal Nacional. Florestal Nativas: Paraná, Santa Catarina. Brasília, 1984.

BRASIL. Ministério da Agricultura. IBDF. Inventário Florestal Nacional. Reflorestamento: Paraná. Santa Catarina. Brasília, 1984.

BUENO, Ricardo. O ABC do Entreguismo no Brasil. Petrópolis, Editora Vozes, 1981.

CABRERA, Angel L & WILLINK, Abraham. Biogeografia de América Latina. Venezuela, OEA, 1973.

CARDOSO, Fernando H. & MULLER, G. Amazônia: Expansão do Capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1978.

CARUSO, Mariela Martins Leal. O desmatamento da Ilha de Santa Catarina. De 1500 aos Dias Atuais. Florianópolis, Editora da UFSC, 1983.

CEAG/SC Centro de Assistentia Gerencial de SC. Evolução Histórico-Econômica de Santa Catarina: Estudo das alterações estruturais. (Século XVIII-1960). Florianópolis, 1980.

CODESUL Renovação e Utilização de Recursos Arbóreos em Santa Catarina. Florianópolis, 1972.

EDUARDO, Rosemari Pozzi. A Madeira em Santa Catarina 1930-1972, Curitiba, inédito (tese mestrado UFPr 1974).

FERRI, Mário Guimarães. Vegetação Brasileira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. Da USP, 1980.

FUNDAÇÃO DE PESQUISAS FLORESTAIS DO PARANÁ. Inventário Florestal do Pinheiro do Sul do Brasil. Curitiba, IBDF, 1978.

GARRIDO FILHA, Irene. O Projeto Jari e os Capitais Estrangeiros na Amazônia. Petrópolis, Ed. Vozes, 1980.

IANNI, Otávio. Colonização e cONTRA-Reforma Agrária na Amazônia. PETRÓPOLIS, Ed. Vozes, 1979.

KLEIN, Roberto Miguel. Mapa Fitogeográfico do Estado de Santa Catarina: Cobertura Original. Itajaí, Herbário Barbosa Rodrigues, FATMA, SUDESUL, 1978.

LAGO, Paulo F. A. Santa Catarina: Dimesões e Perspectivas, Florianópolis, Ed.da UFSC. 1978.

MARTINS, Edson. Amazônia: A Última Fronteira. Rio de Janeiro, CODECRI, 1982.

MONTEIRO, Carlos A. F. A Qustão Ambiental no Brasil 1960-1980. São Paulo, Instituto de Geografia da USP, 1981.

MOOSMAYER, Henrich. Zoneamento Florestal Económico de Santa Catarina. Brasília, IBDF, 1970.

ORCELLI, Leda. Atlas Solarimétrico do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, IOSC, 1981.

REITZ, Raulino & KLEIN, R. M. & REIS, A. Madeiras do Brasil. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1979.

RIZZINI, Carlos Toledo, Tratado de Fitogeografia do Brasil. São Paulo, HUCITEC, Ed. Da USP, 1976 (v.1) e 1979 (v.2).

SUPREN. Recursos naturais. Meio Ambiente e Poluição Rio de Janeiro, IBGE, SUPREN, 1977, V 1 e 2.

VALVERDE, Orlando & FREITAS, T. L. R. de O PROBLEMA Florestal da Amazônia Brasileira. Petrópolis, Ed Vozes, 1980.

SANTOS, Silvino Coelho dos. Nova História de Santa Catarina. Florianópolis, Edição do Autor, 1974.

SIOLI, Harold. Fundamentos da Ecologia da Maior Região de Florestas Tropicais. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.